



A Bordadeira: Linhas que Contam Imagens-Testemunhas

The Embroiderer: Lines That Tell Witnesses Images

Marcela De Macedo Cavallini

ORCID: 0000-0002-0176-864X

Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil

Resumo

Este artigo alia a prática da pesquisa performativa em site specific, proposta por Haseman (2006), à ação de bordar como ato-testemunha das histórias de violências contra mulheres. Concomitantemente, realiza pontes com a atual situação hecatombica, provocada pela pandemia Covid-19, que nos ensina novas relações entre tempo, encontros e memórias como algo emergencial ao contexto entre arte e feminismo. Conceitos como matérias-fantasmas e corpos paradoxais acompanham a proposta ativista da artista em busca de novas sensibilidades comunitárias e coletivas.

Palavras-chave

Pesquisa Performativa. Bordar. Mulheres. Testemunhas.

Abstract

This article combines the practice of performative research on site specific proposed by Haseman (2006) with the action of embroidering as a witness to the stories of violence against women. Concomitantly, it bridges the current hecatombic situation caused by the Covid-19 pandemic that teaches us new relationships between time, encounters and memories as something emergency to the context between art and feminism. Concepts such as ghostly materials and paradoxical bodies accompany the artist's activist proposal in search of new community and collective sensibilities.

Key-words

Performative Research. Embroider. Women. Witnesses.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Introdução

Com a pandemia Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-Cov-2), declarada oficialmente desde o dia 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), uma mudança no campo das artes no tocante à criação de redes e de urgentes agenciamentos estético-políticos, sobre cuidado e reinvenção de modos de produção, têm disputado espaços de debate e reivindicação pelos direitos básicos de se viver e de se imaginar o que está por vir. Artistas de todo mundo perguntam-se, na prática, sobre o significado de se reunir nesse momento histórico que, dentre outras crises já experimentadas por inúmeros grupos sociais, colocam-nos ainda mais despertos a trabalhar a favor de novas sensibilidades comunitárias e coletivas.

Somado a crise em grande escala, e ainda sob os efeitos das pós-eleições de 2018, parte dos brasileiros experimenta a precária e violenta sobrevivência resultante de uma onda ultradireitista e neoliberal ambientada na política institucional que, nesse momento, manifesta-se irresponsavelmente pelas redes sociais e espaços públicos a agitar replicações meméticas. Tal atuação de uma parte da população coloca seriamente em risco as vidas que já estavam no front de uma política criminosa e escancara a crueldade do individualismo das zonas de privilégios de raça, classe e gênero na nossa sociedade. A ação necropolítica do Estado que age através do exercício do direito de matar (MBEMBE, 2018) subjuga a vida ao poder da morte de populações, e reconfigura, profundamente, as relações entre resistência, sacrifício e terror.

Resvalam através desse cenário, o que para alguns é visivelmente apocalíptico, e, para tantos outros, uma vivência amplificada de luta e afirmação da vida urdidura nos modos e acontecimentos que derivam de convivências minoritárias. As relações ditas minoritárias, não pela implicação com o quantitativo, mas sim por produzirem linhas de fuga e desvios às representatividades normativas, reagrupam-se em dissidências. Nesse ato, libertam-se da sua condição de sujeitadas, tornando-se processo criador de novas relações de poder (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 52), podendo ser as que nascem na aliança entre humanos, vegetais, animais, minerais e outros seres microscópicos.

A vida de artistas independentes tornou-se mais atenta aos círculos de pertencimento, ligados às insurreições micropolíticas de não se deixar morrer ou ser levado pela onda de desespero e desesperança de uma realidade cada vez menos oxigenada, claustrofóbica e tecnocrática. A intenção de insurgir-se micropoliticamente é a “potencialização” da vida: reapropriar-se da força vital em sua potência criadora, Rolnik (2018, p.132).

O silêncio que é interrompido em tempo real pela multiplicação de imagens, testemunhos dos movimentos insurreccionais, formam arquivos dessas performances sociais, e podem ser vividos e acompanhados desde o espaço doméstico, através dos dispositivos móveis, computadores e estendem-se em suas multiplicidades de atuação através de cyberrizomas.

Parece haver uma extensão dos espaços de residência para práticas de se habitar resistência além-muros, ou por entre as fissuras invisíveis (fig.01) dos muros erguidos pela

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

história, ao mesmo tempo, em que se realiza uma regulação pelo controle digital e informacional sobre o que se produz, pensa e fala nesse imbricado modo nascente de relações.¹

A fabulação das memórias, presentes e passadas, nesse contexto de um campo expandido, portanto, afasta possíveis pretensões de linhas que possam oferecer uma única perspectiva dos acontecimentos e que se enquadrem num tipo de taxonomia de movimento artístico-contemporâneo. Reabastecem-se, com isso, os repertórios de linguagens e as poéticas com as quais lidamos, agrupamentos surgem ao levantar os mortos diante do que permaneceu enterrado nas memórias coletivas.

Sobre a prática de relembrar, a autora Taylor (2013) propõe que se trata de um ato de compreensão compartilhada para algumas comunidades, como bem traz o bordado do grupo Arpilleras da Resistência, e é através desse ato, por meio do qual se torna possível a coexistência de testemunhas de alguma vivência traumática e a transmissibilidade desse papel entre gerações. Arpilleras é uma técnica têxtil com raízes numa antiga tradição popular iniciada por um grupo de bordadeiras de Isla Negra chilena. As Arpilleras registram a vida cotidiana da comunidade e fazem referência aos problemas políticos que enfrentam. Por expressarem aspectos individuais e coletivos do grupo se transformaram em uma fonte de sobrevivência em tempos adversos. Nesse sentido, a ação de bordar entra em um processo de reconhecimento da história que se presentifica na memória coletiva de uma comunidade que viveu um acontecimento de dor e sofrimento. Buscar transpassar imagens além-da-dor e torná-las presentes na arte, ainda que revisitado em outro tempo, torna-se uma estratégia de transformação das políticas genocidas que mascaram o passado das testemunhas como algo acabado e resolvido.

Portanto, levantar as sobrevivências das histórias vividas e recontá-las como um fiar de linhas significa mais que rememorar o passado, esse ato dá vida e movimento às imagens que se perdem em meio à exaustão de forças e incertezas extremas de um tempo de crises profundas. Ambiguamente, implica também marcar uma paragem e, desse modo, compõe uma rítmica descontínua ao bombardeio da repetição maquínica de dados e informações hegemônicas jornalísticas para, enfim, ser possível reaparecerem a partir das inúmeras camadas que ainda soterram as memórias coletivas. Essas camadas quando sacudidas pelo ato artístico fazem aparecer a poeira da história e trazem à tona as matérias-fantasmas (LEPECKI,2013), ou seja, fins que nunca desapareceram, e continuam a nos desafiar em seus movimentos a reivindicar seu lugar no presente.

A pesquisa performativa através de sua ação no presente, tão pouco preocupada em reiterar fatos consumados, interessa-se mais em brincar com os papéis normatizadores da sociedade e inventar linguagens para o que não se dá a ver. À medida que cartografa, realiza uma experiência de profundidade com o real, faz escavar os soterramentos ditos resolvidos e arquivados na história de um lugar. A história, nesse caso,

1- Sobre o que nos rodeia na nova mutação do mundo com o coronavírus, Preciado (2020, n.p) nos instiga com a reflexão: "Mas tudo isso pode ser uma má notícia ou uma grande oportunidade. É precisamente porque nossos corpos são os novos enclaves do biopoder e nossos apartamentos as novas células da biovigilância é que se torna mais urgente do que nunca inventar novas estratégias de emancipação cognitiva e resistência e lançar novos processos antagônicos."

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

não passa de um jogo que atravessa os fragmentos temporais, deixando suas lascas de mundos desmanchados (DIDI-HUBERMAN,2015).

Diante do atual quadro de mudanças aceleradas, o movimento de lentidão, ou me-



Figura 01 – Marcela De Macedo Cavallini. Da série Marcas D'Água. 2019. Bordado sobre Fotografia em Papel Vegetal, 10x15. Arquivo Pessoal, Rio das Ostras.

lhor, de tempo estendido, caracteriza a produção do bordado em performance. Tal proposição, discutida por Haseman (2006, p.43) lida com o modo próprio de enunciação do performativo: através dos símbolos que produzem e os seus efeitos no decorrer da sua apresentação. Guiada-pela-prática, tal pesquisa acompanha o caminhar do artista no contexto em que realiza o ato, sendo tão imprevisível quanto se pode dizer que é o conceito de performance, no entanto, não restrita a esta, alça diferentes campos. Este modo expressa o fazer em processo, e os resultados materiais das práticas que enunciam a performance como expressão da pesquisa em si.

Os bordados que aqui se aliam à performance marcam o processo de conspiração de memórias ao incorporar ao afeto de mover-se além-da-dor da repetição da violência

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

que nossas corpas² vivenciam com o aumento dos dados de feminicídios, agressões, abusos físicos e psicológicos em meio a pandemia, com estratégias de controle que nos incita permanentemente à desconexão pelo medo e pelo desespero.

Tal proposta, convida a habitar certa alteridade da corpa, uma corpa que se alia ao cotidiano e o perpassa na experiência de escuta de vozes diferentes das hegemônicas para que sua própria escuta aconteça. Que corpa artista é instaurada por esses novos movimentos de alteridade onde perpassam inúmeras forças individuais e transpessoais nas memórias coletivas? Talvez estivéssemos falando da figura prescindível do artista hoje que se agencia com a coletividade como proposta ativista em busca de novas sensibilidades comunitárias.

A Bordadeira Vai Falar

A experiência de uma corpa em quarentena pode se assemelhar à experiência da performance do bordar. As sensações de introspecção, quietude e pensamento diagramático dos pontos que se descontinuum entre o fiar dos dias parecem ser comuns em ambas. Uma perspectiva se abre quando se exercita a possibilidade de operar fora da lógica do controle das atividades diárias de conexão telemática. Enquanto trabalho com linhas, matérias desconsideradas pelas poéticas tradicionais de arte, retomo a força que me foi retirada, das conexões enclausuradas das inúmeras mortes cotidianas (fig.02) que me sinto ritualizando enquanto bordo. Em tempos de quarentena, os fluxos de violência se territorializam ainda mais dentro do espaço doméstico³. Por isso, faço uma menção ao ensaio de Spivak (2010, p.13) em “Pode o Subalterno Falar?”, transformo a pergunta em afirmação. A autora, ao questionar os fundamentos filosóficos e científicos das teorias do sujeito – reivindicando os saberes produzidos por quem chama de subalterno, coloca o problema da representação realizada tanto pelos intelectuais, quanto pela política através do que seria a imagem do Outro no Ocidente. Bem como os silêncios constitutivos dessas imagens que não fizeram com que o subalterno deixasse de falar, mas sim, deixasse de ser ouvido nos espaços discursivos de anúncio. Afirmar o ato da fala em “A Bordadeira Vai Falar” transforma a imagem em língua e ação. Início a narrativa no fim deste artigo com o pronome QUE, aquele que chama o subalterno, como quem responde ao interrogatório realizado pela polícia nas delegacias brasileiras, e que, através dele, me deparei com registros de testemunhos de denúncia das mulheres na cidade de Rio das Ostras, onde realizei esta pesquisa.

2- “Corpas”, refere-se a uma dobra linguística contranormativa da palavra corpo. A virada na adjetivação masculinizante da palavra a partir de um pensamento-ação cuir brasileiro, leva à percepção que a operação sobre a linguagem é uma chave de mudança de posição radical das corpas no mundo.

3- Sobre esse fenômeno, o site da Agência Patrícia Galvão (2020) revela, através de pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que houve aumento de feminicídio com a quarentena em 4 Estados Brasileiros, sendo a casa o ambiente mais perigoso para mulheres. O apoio e a presença das redes sociais e a mudança na atuação governamental que considere os problemas estruturais da sociedade com a prática do “fique em casa” podem produzir alguma diferença nesse momento no combate à violência.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Saliento também o texto e a fala de Bombaça que corrobora com essa discussão:

Em lugar da pergunta sobre se pode ou não o subalterno falar, invoco outra: que ocorre quando umx subalternx fala? Desse modo, procuro relocalizar uma crise que tem, por muito tempo servido para despotencializar a nós, sujeitxs fora das gramáticas da produção de saber. Ao invés de pôr em dúvida nossa capacidade de forjar discursos e saberes desde as subalternidades, escolho interrogar a capacidade dos marcos hegemonicamente consolidados de reconhecer nossas diferenças. Assim é que, no limite mesmo da minha pergunta, insinua-se ainda outra: pode um saber dominante escutar uma fala subalterna quando ela se manifesta? (BOMBAÇA, 2015, n.p.)

De seguro para a contaminação viral, a residência torna-se, paradoxalmente, um espaço de luta e de violência para aquelas que vivem as opressões da sociedade heteropatriarcal. Portanto, há um diálogo estético-político a ser considerado e criado entre o fazer manual da performance do bordado e o atual momento de luta que aponta olhar para os microespaços de vida, da casa em resposta à necessidade de se reinventar os encontros entre corpos para socorro e apoio.



Figura 02 – Marcela De Macedo Cavallini. Ou a Gente se Reúne ou A Gente se Extingue: Diluição dos Gráficos de Violência, 2019. Bordado sobre Fotografia em Papel Vegetal.10x15, Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro.

Imersa nas sombras durante a ação performática de relatar o vivido a partir de um presente e de um futuro extremamente incerto, minha corpa paradoxal sente transbordar o gênero para espaços além do que lhe é dado transitar, para além do campo

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

específico canônico da arte para refazer alguns pontos e suturas, costurar pelas bordas, numa operação aranha de bordar caminhos (fig. 03), amaldiçoar e perfurar papéis de um Estado violentador. Encontra com forças de retomada na volta que essa linha dá ao transpassar o avesso do papel, da agulha enfiada que agora fixa a cicatriz desse trabalho com as memórias das vidas violentadas impossíveis de serem contadas pelos números oficiais. Essa técnica que não domino, ao contrário, que venho aprendendo a lidar, ensina-me a percorrer os caminhos com atenção, nada está dado de antemão.

Bordar incorpora a linha na escrita, confere movimento às articulações entre imagens, conecta a sensibilidade ao pensamento até então descontinuados da história oficial. Petrificada, a história maiúscula não acolhe tais fissuras, mas é sutilmente sofrida por elas, quando nos botamos a cosê-las.

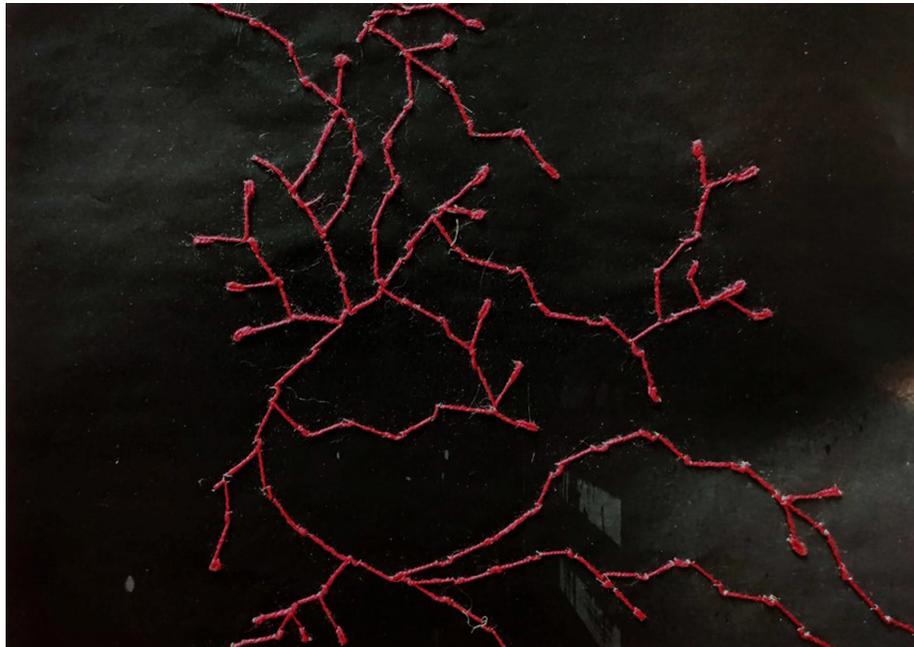


Figura 03 – Marcela De Macedo Cavallini. Da série *Marcas D'Água*, 2019. Bordado sobre Fotografia em Papel Vegetal, 10 x15, Arquivo Pessoal, Rio das Ostras.

A imagem da aranha (Fig.04) que tece suas tramas e redes invisíveis, esse animal silencioso e sensivelmente vibrátil, é extensamente trazida pelas poéticas femininas e feministas. Aqui é o encontro com o presente de quem atravessa memórias transpassoais de dor e morte, mas também de prazer e vida. Sinto na liberação dessa imagem, um povoamento de fluxos afetivos, eróticos, sexuais que chegam a devolver outros sentidos à vida, pois

Socialmente, uma mulher não deveria falar da morte e, menos ainda, das sombras. Quando o faz, rapidamente adentra um espaço simbólico interdito e transgressivo, habitado no imaginário por bruxas, mulheres fatais ou monstruosas. (TVARDORVSKAS, 2013, p. 31).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

A minuciosidade da linha que, raivosa, fura uma superfície e alimenta a força de resistir à anestesia de dias de desânimo e clausura, sustenta a memória de que há muito por vir e ainda por fazer. O papel que se fez aliado aos discursos que possuem legitimidade de fala e de pensamento através da escrita, encontra no espaço entre a fotografia e o bordado uma materialidade distinta onde possa se diferenciar desde onde está instituído, de modo que, em si, cultive a ausência de talentos constituídos, de cânones ou de qualquer tradição balizadora com a arte, com a história e com a memória.

Foi na experiência de ter sido moradora do município de Rio das Ostras, na Região dos Lagos Fluminense, ao norte da cidade do Rio de Janeiro, que formou-se o primeiro território dessa pesquisa (fig.05), e é com o desejo de movência da experiência sensível da vida comum naquela cidade atravessada pela urgência do agora que essa mesma pesquisa se refaz e se desfaz em possibilidades de transfigurações estética, política e social, movidas pelas novas configurações entre arte e política que ensejo.

Reapropriando-me das memórias de um determinado território de ex-moradora que vivencio, para além do meu próprio corpo-terra (me refiro a um estado de corpo relacional que, agora, intenta cavar o terreno onde pisa), a segmentaridade de gênero e as práticas sociais e políticas que encaixotam de forma cruel a normalização da categoria mulher, carregando a reboque um tal feminino específico e basilar, ao mesmo tem-



Figura 04 – Marcela De Macedo Cavallini. Da série *Marcas D'Água*, 2018. Bordado sobre Fotografia em Papel Vegetal, 10 x15, Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro.

po, e de forma ambivalente, na contramão dessas práticas, ser tocada por um levante de forças no atual momento político brasileiro que imagina horizontes para além dos mal-estares, das hierarquias e binaridades que lhe são marcas definidoras.

Em Rio das Ostras, as sombras de um cotidiano que se impõe às corpos, marcam a geografia psicossocial daquela cidade e impulsionaram uma urgência em percorrê-la

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

entre os anos de 2018-2020 a partir de uma pesquisa performativa em site specific. Somou-se a esse desejo, o encontro com o cosmos-ambiente que imprimia naquele lugar um tempo estendido de mergulho na percepção dos rizomas dessa violência: uma atmosfera de apaziguamento interiorana com falsos ares de tranquilidade, de satisfação solar, praiana e com bem menor agitação que a vida na capital.

O mais tocante em ter vivido tal pesquisa anteriormente a atual pandemia é que o testemunho poético que finalizo este artigo, transformou-se numa imagem que denuncia e, ao mesmo, realiza ponte entre as histórias de agora e a de antes. Pois, se os arquivos ainda sobrevivem como os fantasmas de um tempo que nunca foram apagados; reaparecem nos relatos e nos encontros que tive com mulheres por aquelas ruas. As violências de gênero persistem e novos contornos indicam que as estratégias políticas adotadas estão longe de alcançar alguma dignidade no tratamento dessa questão.



Figura 05 – Marcela De Macedo Cavallini. Da série *Marcas D'Água*, 2018. Bordado sobre Fotografia em Papel Vegetal, 10 x15, Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro.

O uso do “Que” faz referência ao processo jurídico que passam as mulheres ao realizarem as denúncias de violência e salienta a incompreensibilidade de um funcionamento também violentador que as perpassam no âmbito institucional.

Durante a pesquisa performativa realizada na cidade, percorri as ruas realizando a performance “Como Andar Sozinha?” Consistia em escutar as mulheres e suas estratégias de sobrevivência e de atualização das suas memórias. Com essa mesma pergunta, recorri ao aparato institucional como uma ação provocativa de como o Estado responderia à experiência da solidão, falta de apoio e de redes locais, frente ao convívio diário com a violência que assola as corpos brasileiras.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Que

Que papéis são perfurados por uma fina agulha,
 Que alguns são rasgados, outros jogados na lata de lixo;
 Que linhas escapam ao controle das mãos,
 Que não acertam a espessura do buraco;
 Que a ação revela pouquíssima habilidade manual.
 Que risos produzem ecos pelas paredes de casa,
 Que conversa com vozes,
 Que dizem sobre desaprender a pensar através da sintaxe dessas
 palavras;
 Que é no aproximar das narrativas e dos pontos,
 Que linhas se transformam em pensamento e
 Que surgem formas nos crochês, nos bordados.
 Que o caminhar das agulhas passa através e entre:
 O Bordado de Dona Lea,
 O Bordado de Bispo do Rosário,
 De Leonilson
 e Leticia Parente.
 O bordado de Rosana Paulino,
 De Arpilleras da Resistência
 e Nice Firmeza.
 Artistas,
 "A Irmandade é poderosa."
 Que tantas e tamanhas vozes ressoam em meio a essa jornada que
 já não só lhe pertence.
 Que desfaz a crença de um ser único e completo,
 Que navega pelos veios de histórias coletivas;
 Que mares de fios atravessam fronteiras para fora da caminhada
 retilínea e lisa,
 Que foi tramada pela luminosidade da consciência ocidental.
 Que seríamos um bloco de alteridade subalterna,
 Que este responderia aos seus anseios de conhecimento.
 Que confronta com o modus operandi de investigação judicial e cien-
 tífica.
 Que sente e intui com Guilherme Gomez-Pena.
 Que os rumos da performance passam pelas ambiguidades,
 paradoxos e nomadismos fronteiriços e temporais;
 Que desincorpora aquilo que está investido como verdade sobre
 o outro.
 Que expurga do corpo a busca pela veracidade.
 Que a experiência vivida da performance vem sendo escrita, teste-
 munhada e inventada,

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Que tudo isso acontece no papel e no dia-a-dia.
Que pergunta sobre a chancela em escrever,
Que fale por quem não pode estar aqui comungando.
Que os mesmos lugares de conhecimento, raça, classe, etnia, sexualidades e idades não são idênticos.
Que limites são situados.
Que agem em territórios os quais possam pertencer ou não,
Que possamos com eles aprender através de novos modos de agir.
Que nessa expansão se realinha com outros universos,
Que vive a insubordinação silenciosa e meditativa rítmica do pensamento artesão,
Que contrapõe a uma única matriz de poder de pretensão universalista;
Que dança secretamente com o sol ardente de verão, com as chuvas torrenciais.
Que as horas de vôos das maritacas anunciam outras tonalidades de luz.
Que são dias em concentração, no ato, em fluxo e repetição até que suas mãos ganhem uma vida própria;
Que sua corpa sedenta vai perdendo o afã pela novidade constante.
Que talvez há nisso um pouco de desmonte.
Que expurga alguns modos de produção do patriarcado racista, sexista, compulsório e tóxico. Que ali, entre as linhas espalhadas no chão, reviravoltas em pontos de observação.
Que deixa de escovar os dentes, pentear o cabelo e tomar banho,
Que essa é a mais verdadeira prova da performance,
Que prova que se é parte do tempo,
Que deseja um tempo que se despatriarcaliza juntamente com os desejos externos à corpa.
Que imersa dias nesse ato ouve o tráfego dos ônibus,
Que escuta as conversas das crianças no colégio;
Que o baile funk vibra os vidros da casa,
Que toca seu quadril em direção à terra.
Que seus cabelos de cobra desejam espiralar,
Que conecta com esse e outros lugares de reivindicação de mundos.
Que coisas que pareciam estar longe chegam próximas a sua casa,
Que rasgam o céu sem pedir licença,
Que a cidade, às vezes, parece não ter muros.
Que escuta tiros em corpas que, por aqui, não chamam pelo nome,
Que aprendeu com elas a nomeá-los.
Que corpas pretas resistem ao sistema branco em que sua pele se funda,
Que esse sistema marca com ódio aquelas vidas.
Que dói em sua consciência essa ferida colonial.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Que tenta matar suas referências de branquitude.
Que refunda sua corpa nessa atmosfera de cinzas.
Que sonha que Isis sobrevoa o céu de morte,
Que recolhe os que foram despedaçados,
Que os reconstitui com seu manto de cura a terra dos que se foram.
Que o sangue daqueles que se dizem patriotas parece tão frio e estúpido que se congelou.
Que enquanto a performance reterritorializa memórias no agora,
Que entra em embate com a energia que o capitalismo neoliberal consumiu,
Que tenta fazê-la desaparecer na exigência de uma produção rápida e rasteira.
Que acompanha a lentidão que interrompe a ansiedade da insensatez consumista,
Que sente que o tempo de sua voz e escrita não se completa.
Que vive em meio a tantas perguntas sem respostas,
Que não se tem respostas simplistas para violências.
Que nem Marx, nem a Divisão Internacional do Trabalho, nem a esquerda brasileira
Que não correspondem ao trabalho que escorre pelos seus dedos.
Que nem mesmo este processo de pesquisa,
Que tropeja,
Que dança os saltos dos destinos, das dúvidas e das encruzadas,
Que transforma o criar artístico numa densa floresta,
Que atravessará cachoeiras, rios, pedras, árvores, animais e mares.
Que agora está na capital, um pouco distante de Rio das Ostras,
Que se pensar em um situar geopolítico, é desde lá, da pequena cidade
Que sua teoria e prática se anunciam e realizam pontes com outras localidades e mapas.
Que enquanto refaz os caminhos da performance,
Que é tomada por memórias de infância.
Que lacunas surgem e vão tocando as histórias de violência da cidade,
Que a linha não se encerra enquanto transforma o que um dia foi dor.
Que em um momento de distração escapam linhas pelos dedos
Que então são cortadas.
Que chora,
Que algo vem do motivo de estar escrevendo.
Que conta que é pela honra de sua tia
Que junta dela, ELAS, que tiveram seu direito de existir retirados,
Que isso não poderá ser esquecido.
Que tudo isso vem junto com as palavras de Adrienne Rich: "Este olho não
é para chorar, a sua visão precisa ser límpida, embora haja lágrimas

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

no meu rosto, sua intenção é a clareza, não pode esquecer nada".
Que é testemunha deste tempo,
Que também pode ser voz ativa dessa história,
Que você também é testemunha,
Que agora reencena comigo esta passagem,
Que ambas estamos implicadas neste processo.
Que não tem palavras para descrever memórias tão doloridas.
Que as libera no coração do tempo,
Que as deixa ir,
Que assim elas poderão falar por si.
Que, talvez, se ela não tivesse começado a bordar,
Que nem esta escrita teria surgido.
Que, assim, continua sua viagem pelo tempo.

Percorre através dos dias os labirintos dessa história ainda sem fim, através de onde você pode acompanhar. As imagens narradas marcam cada gesto do bordar. Os escritos escapam ao significado, formam cicatrizes no papel e caem, como as cascas de uma árvore.

Que retorna às linhas,
Que gritos são ardididos,
Que podem desatar a língua do opressor.
Que nos trópicos a teoria se movimenta através do corpo,
Que a boca come a intensidade das palavras,
Que não as experimentou durante anos de silêncio.
Que a fala caminha por esta escrita.
Que a clareza formal destoa daqueles dias de sol que gozaste numa cabana de palha,
Que escolhes a informalidade.
Que não deseja a chancela de vítima por parte do Estado,
Que deseja sair, caminhar: ir para fora da linguagem concreta e pueril.
Que tudo são quase bobagens se não penetram como agulhas nos olhos do opressor,
Que arderão todos no inferno juntos,
Que esse é o ato de imaginar situado no Brasil.
Que deseja rasgar papéis onde soam as invisibilidades,
Que grifa o que não foi dito sobre crimes consumados pela lei e pelos homens.
Que Sim, que Não: que ela não é historiadora, e sim, que ela tem história.
Que sabe contar: 1282 mulheres violentadas nessa pequena cidade, só na pequena cidade.
Que não sabe o que há de tão especial nisso,

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Que esses números se somam a conta de um país que ocupa quinto lugar daqueles que mais mata mulheres no mundo!
Que foi anunciado que o município de Rio das Ostras notifica e outros municípios não,
Que, por isso, a "ilusão da quantidade" de mulheres violentadas.
Que não sei até que ponto fui levada a tal instituição pelos meus próprios pés,
Que se as lentes dessa história ressoam desde o desenvolvimento do capitalismo,
Que esse é mais um fantasma dentre tantos a caminhar por fragmentos coloniais.
Que são como pedras e pó acumulados num terreno destruído e sem valor,
Que copas ressurgem desses meteoros de histórias.
Que precisa contar ainda sobre essas coisas que está cansada,
Que é escrever nesse papel opaco e quase sem luz.
Que retorna à cidade.
Que encontra o recém aberto Centro Especializado de Atendimento à Mulher,
Que então fia, envia.
Que 1,2, 3 propostas de trabalho para aprovação,
Que os dias passam,
Que o silêncio virou não,
Que a coordenação é substituída,
Que a pergunta é repetida,
Que estão sempre em fase de reestruturação.
Que o Estado nos enfia a goles o veneno do desencantamento.
Que agora o foco é trabalhar a família e a economia,
Que afinal a mulher, Ela Pode! mas não pode ser algo
Que é um sistema de nós.
Que são tantas as perguntas, distrações e derivações,
Que a vítima se transforma em variáveis,
Que o fim é ser ciência.
Que a identidade e um violento processo de coleta e informação
Que a justiça é a assinatura dessa razão.

Referências

- BOMBAÇA, Jota. *Pode um Cú Mestiço Falar?* Disponível em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>>. Acesso em: Setembro de 2019.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997. vol. 2.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do Tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Trad. de Vera Casa Nova, Marcia Arbex. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2015.
- HOOKS, Bell. *Movimentar-se para Além da Dor*. [Blogueiras Feministas]. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2016/05/11/movimentar-se-para-alem-da-dor-bell-hooks/>>. Acesso em: 10 de março de 2018.
- HASEMAN, Brad. *Manifesto pela Pesquisa Performativa*. Tradução: Marcello Amalfi in Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento, São Paulo: PPGAC/USP. v.3.1, 2015.
- LEPECKI, André. *Planos de composição: dança, política e movimento*. In: A terra do não-lugar. Diálogos entre antropologia e performance. Raposo et AL. Florianópolis: editora UFSC, 2013.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- PRECIADO, Paul B. *Aprendendo com o vírus*. Trad. Ricardo Moura. Disponível em: <<https://medium.com/textura/aprendendo-com-o-v%C3%ADrus-1f8542d3ed78>>. Acesso em 29 de março de 2020.
- REIF, L. *Pandemia Amplia Canais para Denunciar Violência Doméstica e Buscar Ajuda*. Agência Patrícia Galvão, 2020. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencia-domestica/pandemia-amplia-canais-para-denunciar-violencia-domestica-e-buscar-ajuda/>. Acesso em: 4 de agosto de 2020.
- RICH, A. Org. *Que tempos são estes e outros poemas*. Tradução Marcelo Lotufo. São Paulo: Ed. Jabuticaba, 2018.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da Ressureição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.
- TVARDOVSKAS, L.S. *Dramatização dos corpos: arte contemporânea de mulheres no Brasil e na Argentina*, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280015>>. Acesso em: Fevereiro de 2019.
- TAYLOR, D. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Marcela De Macedo Cavallini

Doutoranda em Artes Visuais EBA-UFRJ. Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense. Licenciada em Dança na Faculdade Angel Vianna.

Texto recebido em: 30/10/2020
Texto aceito em: 07/03/2021
Texto publicado em: 05/06/2021

Como citar: CAVALLINI, Marcela De Macedo. A Borda-deira: Linhas que Contam Imagens-Testemunhas. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, RS, v. 26, nº45, jan- jun. 2021. ISSN 2179-8001.

Doi:<https://doi.org/10.22456/2179-8001.108837>.
